



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 20 DE JANEIRO, DE 2025 - 21H00

Sessão 30 “DUNA” (1984)



David Lynch, depois da revelação de “Eraserhead” e do sucesso fabuloso de «O Homem Elefante» foi abordado por diversos produtores para assinar obras suas. Entre eles, George Lucas. Mas preferiu esperar. Quando lhe acenaram com a obra de Frank Herbert, cinco volumes de ficção científica que ia atingiram o nível de “culto”, David Lynch leu e aceitou a encomenda. Antes de si outros haviam tentado já levar ao cinema o universo deste autor. Alexandro Jodorowski, por exemplo, ou Ridley Scott. Várias tinham sido as tentativas de adaptação, mas, umas por imposição de Frank Herbert, outras por decisão de Dino de Laurentiis, nenhuma tinha ainda conseguido entusiasmar os

responsáveis. David Lynch faz seis esboços e, ao sétimo, tudo e todos estavam de acordo. Visualizadores, como Tony Masters (o mesmo que já criara «2001», de Kubrick), e artistas como Carlo Rambaldi (que já idealizara o «ET», de Spielberg), com a ajuda de Freddie Francis, como director de fotografia, põem-se ao trabalho para recriarem aqueles mundos entrevistados na escrita de Frank Herbert.

O resultado não é mais um filme de ficção científica, mas uma obra um pouco diferente, talvez mais pretensiosa, na medida em que procura ser mais adulta, mais madura. Tudo em «Dune» tem uma perspectiva cultural mais ou menos evidente. Vários mitos grandes do fantástico, de Fausto ao elixir da longa vida, passam por aqui. A discussão do Poder e de como consegui-lo e mantê-lo é outro dos temas fulcrais de «Dune». No entanto, e à semelhança do que acontecia já na obra literária, tudo é muito complexo e nada é simples. Estamos longe do universo maniqueísta de «A Guerra das Estrelas» e quejandos.

Há uma imaginação visual transbordante que procura reflectir preocupações mais profundas, e este é um aspecto interessante da obra. Contudo, e sobretudo na primeira parte, a multiplicidade de figuras e de dados, tornam o arranque da película algo moroso e confuso. «Dune» pede ao espectador uma atenção constante e por vezes o esforço atinge o cansaço. A certa altura, porém, a aventura engrena, tudo ganha um fôlego narrativo mais consentâneo com o tipo de obra e «Dune» logra então algumas das suas melhores sequências como a cavalcada final com esses vermes enormes que caminham por debaixo das areias e se deixam dominar como a «Moby Dick», de Melville-Huston-Peck. As obsessões de David Lynch, essa monstruosidade visível em «Eraserhead» ou «O Homem Elefante», encontra-se dispersa um pouco por todo o lado, mas a criação do barão Vladimir Harkonnen é excelente de perversidade e horror, impondo-se como uma figura a não esquecer no domínio do filme fantástico. Também a personagem de Feyd Rautha, interpretada por Sting, apesar da sua curta duração em tempo de ecrã, logra inteiramente os intentos de Lynch.

Excelente é igualmente a fotografia de Freddie Francis, recriando um universo esbatido, de tons fora do vulgar. Infelizmente, porém, algo existe em «Dune» que não nos parece inteiramente conseguido. A duração da obra, talvez excessiva, a complexidade da intriga, o próprio tom pesado e lúgubre da narrativa e dos ambientes, deixam uma sensação de cansaço que um filme deste tipo não pode comportar. «Blue Velvet», que é posterior, dá uma ideia mais precisa do talento e das obsessões deste cineasta.

Adenda (2021): Já em 2021 surgiria uma nova adaptação da obra de Frank Herbert, agora assinada por Denis Villeneuve, com argumento escrito por Jon Spaihts, Denis Villeneuve e Eric Roth, com interpretações de Javier Bardem, Josh Brolin, Rebecca Ferguson, Jason Momoa, Sharon Duncan-Brewster, Oscar Isaac, Timothée Chalamet, e Zendaya.

Lauro António



DUNA

Título original: Dune

Realização: David Lynch (EUA, 1984); Argumento: David Lynch, segundo romance de Frank Herbert; Produção: Dino De Laurentiis, Raffaella De Laurentiis, José López Roderio; Música: TOTO; Fotografia (cor): Freddie Francis; Montagem: Antony Gibbs; Casting: Jane Jenkins; Design de produção: Anthony Masters; Direcção artística: Pier Luigi Basile, Benjamín Fernández; Decoração: Giorgio Desideri; Guarda-roupa: Bob Ringwood; Maquilhagem: Giannetto De Rossi, Mirella De Rossi, Etsuko Egawa, Luigi Rocchetti, Mara Rossi, Mario Scutti, Mauro Tamagnini, Christopher Tucker; Direcção de produção: Anuar Badin, Vicente Escrivá hijo, Anselmo Parrinello; Assistentes de realização: José López Roderio, Ian Woolf, Víctor Albarrán, James Devis, Ignazio Dolce, Miguel Lima; Departamento de arte: Alessandro Catarinelli, Miguel Chang, Steve Cooper, Ron Downing, Ferdinando Giovannoni, Mentor Huebner, George Jenson, Richard Malzahn, Giles Masters, Hank Mayo, Ron Miller, Aldo Puccini, Graham Sumner, Giulio Tamassy; Som: Teresa Eckton, Donald Flick, John Haptas, Jerry Ross, Leslie Shatz, Alan Splet, Nelson Stoll, Les Wiggins; Efeitos especiais: Yves De Bono, Charles L. Finance, Dirck Halstead, John Hatt, Carlo Rambaldi, Kit West, Juan Antonio Gómez; Efeitos visuais: Tom Anderson, Peter Bohanna, Tom Connors, Bryan Cooke, Ricardo Del Río, Mark Freund, Devorah Hardberger, Patricia Harrison, Richard Malzahn, Lauren Marems, Paolo Scipione, Brian Smithies, Charles Staffell, Steven Willis; Companhias de produção: Dino De Laurentiis Company, Estudios Churubusco Azteca S.A.;

Com: Francesca Annis (Lady Jessica), Leonardo Cimino (o Barão Doutor), Brad Dourif (Piter De Vries), José Ferrer (Padishah Imperador Shaddam IV), Linda Hunt (Shadout Mapes), Freddie Jones (Thufir Hawat), Richard Jordan (Duncan Idaho), Kyle MacLachlan (Paul Atreides), Virginia Madsen (Princesa Irulan), Silvana Mangano (Reverenda Madre Ramallo), Everett McGill (Stilgar), Kenneth McMillan (Barão Vladimir Harkonnen), Jack Nance (Nefud), Siân Phillips, Jürgen Prochnow, Paul L. Smith, Patrick Stewart, Sting, Dean Stockwell, Max von Sydow, Alicia Witt, Sean Young, Danny Corkill, Honorato Magaloni, Judd Omen, Molly Wryn, etc. Duração: 137 minutos;

Distribuição em Portugal: Lusomundo Filmes; Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 23 de Agosto de 1985.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 2024

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“Momento de Verdade” de John G. Adilson / 1984